

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

1. A família ficção necessária; tradições e segredos...

Responsável EBP: Maria Silvia Garcia Fernandez

Participantes: Ana Beatriz Freire, Ana Carolina Berenger, Doris Diogo, Elza Freitas, Fatima Pinheiro, Isabel Lins, Lourenço Astúa, Lúcia Mariano, Paula Legey, Suely Azevedo, Tatiane Grova, Rodrigo Fraga

Alguns comentários sobre o dispositivo

A conversação funcionou como um dispositivo que permitiu uma apropriação dos conceitos que organizaram nossos encontros, onde cada um, desde seu lugar, deu um testemunho sobre esse fato nas discussões sobre os casos apresentados.

As questões que compõem o relatório foram balizadas *a posteriori*, a partir dos restos que ficaram dos diferentes tempos que marcaram o funcionamento da conversação. Destacamos um primeiro tempo durante o qual se esboçou um plano de trabalho; um segundo tempo, no qual ocorreram os encontros propriamente ditos; e um terceiro que foi a conversação ampliada que contou com a participação dos membros e participantes da Seção EBP-Rio.

A família é uma ficção necessária

O trabalho ocorreu em torno do título proposto para a conversação: “A família: ficção necessária; segredos e tradições”. Sua leitura permitiu situar uma afirmação que implica em tomar a família como um ser de ficção, e por outro, um deslizamento, que conduz ao destaque de dois assuntos: os segredos e as tradições.

As leituras dos textos de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller e Miquel Bassols permitiram criar o argumento que conversou com os casos apresentados.

Inicialmente apoiados no escrito “Os complexos familiares na formação do indivíduo”,¹ aprendemos algo que já sabíamos, mas que valeu a pena reafirmar: a família não é algo natural, sua semelhança com a família biológica é algo contingente. Esse aspecto fica hoje claramente demonstrado com as novas famílias, casais do mesmo sexo, técnicas que intervêm no corpo para a geração de filhos, entre outros. A família não é como antigamente, costumamos dizer, ela sempre sofreu e sofrerá mudanças, modificações em seu formato porque é solidária à civilização.

Dito isto, nos perguntamos pela sua função. Ela também tem mudado ou preserva algo aí? J. Lacan define sua função da seguinte maneira: “Ela desempenha um papel primordial na transmissão da cultura, na educação precoce e na repressão das pulsões assim como na aquisição da língua materna”.²

Pensamos que o papel continua o mesmo, ela é uma das *encarnações do Outro*³ que se inocula em cada um dos filhos que nascem nela. Lembramos aqui as palavras de J.-A. Miller sobre esse ponto: “Podemos entender que o lugar do Outro, enquanto lugar da lei e da língua, se faz carne, se encarna na figura da família”.

Nessa perspectiva, a família e seus assuntos só podem ser concebidos como uma ficção singular de cada um, que conta as sagas, as estórias, os dramas, as tragédias, os crimes das gerações, oferecendo uma forma àquilo que se opera a partir da estrutura. Isto nos permite afirmar que, para a psicanálise, a família é uma ficção que cada ser falante precisa construir.

Em 1938, J. Lacan introduz o termo *complexo* como uma forma de organização afetiva que decorre de uma experiência de choque com o real, constitutiva, que produz a perda e a separação do objeto natural, e, portanto, inaugura a dimensão do desejo e da satisfação pulsional, situando os complexos: do desmame, da intrusão e do Édipo. Encontramos aí vestígios do que posteriormente será chamado de estrutura por J. Lacan.⁴

Os complexos ocupam um lugar causal nos sintomas da neurose e emprestam sua forma, seu conteúdo aos delírios nas psicoses. Em cada relato que o sujeito roteiriza encontramos algo que diz de sua origem, algo que se silencia (da ordem do segredo), algo que se

¹ Lacan, J., Os complexos familiares na formação do indivíduo. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

² *Ibidem*.

³ Miller, J.-A., Assuntos de família no inconsciente. *Asephalus Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*. Vol. II. Número 4. 2007.

⁴ Ideia presente no texto de J.-A. Miller sobre a atualização dos complexos familiares.

transmite como um valor ou ideal para se orientar (da ordem da tradição), sempre habitado por um mal-entendido que faz barulho, que produz mal-estar, indicando aquilo que denominamos como: traumático, efeito do encontro do vivo com a língua.

Não há como desconsiderar que desde o nascimento o ser falante, tal como foi sublinhado por J. Lacan, se encontra *submetido, habitado e atravessado* pela *lalíngua* da família, operação que faz passar da necessidade à demanda, produzindo um resto, uma diferença que conhecemos como o desejo e a pulsão.

O desejo aponta à falta a ser, aquela parte implícita do significado que passa pelos desfiladeiros da demanda e que podemos interpretar naquilo que foi dito. Já a pulsão é a parte não interpretável que no dito que se manifesta sempre exigindo satisfação, sem cessar.⁵

O fazer da família – seus hábitos, suas tradições, seus segredos, a maneira de estar juntos, de acolher, de criar e educar os filhos – está necessariamente articulado a uma forma de enredo, que resulta do funcionamento de um sistema simbólico que tem por função interditar um gozo e promover uma substituição. Assim, essas ficções falam sobre o gozo perdido e como foi possível substituí-lo por outro. Essa substituição ganhou uma fórmula que se escreveu como a metáfora paterna no ensino de J. Lacan.

Sabemos que o gozo se sente no corpo e resulta de uma satisfação pulsional que passa pela via do significante e além dela, podendo situar um gozo fálico e outro, que denominamos de feminino. Assim, graças à interdição e à substituição das formas de gozo que se produzem no âmbito da família, podemos dizer que ela se constitui como um *aparelho produtor de gozo* que afeta o corpo vivo de cada um, gerando sintomas e/ou acontecimentos de corpo.⁶

As ficções surgem imediatamente nas primeiras comunicações do sujeito dirigidas ao analista, apresentando seu lugar de sujeito, seu modo de gozar e seu desejo na relação com o Outro. Elas têm por função encobrir o real da inexistência da relação sexual, conformando as fantasias na novela familiar do neurótico⁷ e os delírios na psicose, mas sabemos que somente através da resposta do analista elas podem obter outro destino, interrompendo a mera repetição do mesmo (fixação do gozo), abrindo para a invenção de algo novo, aí onde isso urge.

⁵ *Ibidem.*

⁶ Bassols, M., *Famulus*. Site do VIII ENAPOL.

⁷ Freud, S., *O romance familiar do neurótico. Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1988.

O pai e sua função

A descoberta do inconsciente logo trouxe um destaque para o pai, o que permitiu a elaboração da estrutura clássica do Édipo. Essa estrutura ganhou o formato do romance familiar, a partir da qual S. Freud subordinou todas as variações sociais da família. J. Lacan questiona esse ponto, dando os primeiros passos em direção a elaborar um além do Édipo, que, a nosso entender, permite ordenar com mais clareza os fenômenos atuais relacionados a este tema.

Mas, J. Lacan, em seu escrito de 1938, não nega a importância do pai na formação da maioria dos homens e aponta para um fato: o declínio social da imago paterna, que, segundo ele, teria originado uma crise psicológica, poderia, por sua vez, ser pensada como uma das razões do surgimento da psicanálise.⁸

A posição de J. Lacan, não é saudosista nem aflita em relação à mudança dos laços familiares decorrentes do declínio da imago paterna; ele enfrenta isso e com isso ele faz.

As elaborações em torno do pai são encontradas ao longo de seu ensino; elas transformam a figura do pai em um significante cuja função é introduzir a proibição do incesto para promover a união entre o desejo e a lei, acarretando a possibilidade de pluralizá-lo, na medida em que qualquer significante pode ser elevado a exercer essa função.

Assim destacamos a metáfora paterna, cuja escrita afastou o pai do mito para transformá-lo em um significante – Nome-do-Pai, que, ao substituir o Desejo Materno, promove uma perda de gozo, gerando um novo gozo atrelado ao falo. Nessa operação, resta um gozo rebelde ao ciframento exercido pela substituição que resulta em outro gozo que denomina de feminino.⁹ Esse gozo feminino que não se reduz a nenhum nome e pode ser considerado como o verdadeiro segredo,¹⁰ algo da ordem do inconfessável, impossível de dizer, mas que habita toda e qualquer ficção familiar. Portanto, toda ficção carregaria esse impossível de dizer.

⁸ Viena teria sido o *melting pot* de diversos tipos de família, revelando que as neuroses predominantes no século passado resultavam desse fato.

⁹ Bassols, *Famulus, op. cit.*

¹⁰ *Ibidem.*

Cada participante da família enquanto ser falante é o *famulus*, o servo habitado por esse segredo estranhamente familiar,¹¹ que, se for necessário, poderá ser circunscrito ao longo de uma análise.

A ficção e as identificações

As ficções familiares são solidárias do discurso e elas estão inseridas na dimensão da verdade, uma verdade impossível de dizer toda, selada por uma falta irremediável da condição do ser falante.

Tivemos a oportunidade de ouvir três analistas que atenderam respectivamente ao pai, sua filha e sua neta. Três gerações que entrelaçam suas ficções através de um significante: maluca.

A maluca da família (neta), ouvida pela analista, encontra durante sua análise uma outra letra para se nomear, a substituição do *c* pelo *k* (*maluca x maluka*) faz cair uma identificação com a “maluca” da mãe, acarretando uma mudança importante em seu modo de gozo. A ficção sofre uma modificação a partir daí, podendo liberar o gozo aprisionado por esse significante.

Em relação à mãe, também chamada de “maluca” da família, podemos dizer que a hipótese de psicose ordinária foi decisiva para a condução do caso, pois possibilitou situar seu trabalho na construção de um outro lugar no Outro e reorientar o manejo da transferência, produzindo efeitos no laço com analista e com outros. Houve algumas tentativas de suplência, mas aquela que promoveu certa estabilização foi dar um neto para o pai, o que, não deixa de ser um lugar no Outro, valorizado na cultura desta família.

Por último, o avô e pai sempre atarefado, sempre acossado pelas loucuras de sua filha, vivia apagando seus incêndios – bombeiro desprovido de equipamentos necessários e adequados, os focos continuavam a se propalar, queimavam sonhos, mas lhe deixavam a presença de um gozo, certamente pronto a permanecer, a não se deixar extinguir.

Constatamos que as duas primeiras ficções, da mãe e da filha, ganharam outras direções ao tocar na identificação, promovendo outro gozo menos mortífero, no qual ambas estavam presas.

¹¹ Remetemos a ideia de estranho familiar apresentado por S. Freud no seu texto intitulado “O estranho”, publicado em suas *Obras completas*.

Em uma época onde muita coisa pode ser falada, mostrada, e em que pouca coisa produz vergonha ou pudor, nos encontramos com o discurso de uma jovem que acredita que “tudo pode ser dito” e que “faz de tudo para evitar treta (confusão)”, constatando na exaustão de seu corpo e nas suas relações amorosas, que seu esforço tem limites, não tem como satisfazer toda a demanda de sua mãe, nem de sua namorada. O mal-entendido produzido gera enigma e dá início a sua análise, que, certamente, já incidiu sobre sua versão inicial.

Sobre as tradições e seus usos

As tradições são aquelas que se transmitem como a herança cultural, o legado de crenças religiosas, populares e técnicas que atravessam as gerações. Elas indicam um saber fazer aprendido e transmitido, podendo ser tomadas como respostas frente ao real que se impõe. Pensamos que elas estão alinhadas mais no campo das identificações significantes e promovem, como tal, um gozo articulado ao falo. Mas, esse fato dependerá do uso que se faz do significante articulado à tradição.

Tivemos a oportunidade de discutir um caso que colocou um segredo e a tradição religiosa da família. O segredo foi inserido em um enredo no qual o *Outro quer seu mal*. Ela sabe que seus pais escondem algo, existem documentos que dizem algo sobre ela, documentos que seriam a prova da confissão dos seus atos danosos.... Seus pais negam a existência desses documentos. Eles são seus principais perseguidores. O trabalho de análise permitiu um distanciamento do lugar da indignação (que não cessa totalmente) dando lugar a uma construção que retomou significantes da tradição religiosa da família, alojando o sujeito em outro lugar. Neste caso, os significantes da tradição, ao serem retomados e ordenados em uma nova versão, tiveram como efeito um apaziguamento do gozo mortífero que a designava como puro objeto do Outro.

O segredo segrega, separa algo na ficção

Cabe, aqui, incluir a etimologia da palavra *secredo*, que tem origem no latim, *secretus*, que significa à parte, isolado. Assim, entendemos o segredo como aquilo que faz parte da trama da ficção mas permanece isolado, apartado, seu lugar pode ser assimilado a um dentro-fora. Em outras palavras, trata-se de algo segregado intimamente.

“Por que você manca? pergunta um pediatra a um menino. Ele responde: a mentira tem pernas curtas.” Ele tem razão, há algo curto na mentira porque ela sempre diz algo da verdade, uma meia verdade, como diz J. Lacan.

Nesse sentido, nos perguntamos sobre o que sustenta um segredo por anos a fio em uma família, um pai desconhecido, às vezes mãe e pai desconhecidos nas adoções, um não querer saber, um não perguntar. Nessa indagação foi introduzida se haveria diferença entre o segredo de família (segredo compartilhado - escondido dos outros) e o segredo na família. O primeiro geraria uma identificação da família, por exemplo, uma família mafiosa; já o segundo seria algo que ficaria apartado-expulso do próprio seio da família.

O segredo, em termos gerais, se encontra inserido nas ficções e se verifica como dependente do laço instaurado pelo discurso. Para o segredo existir, alguém deve sabê-lo, não é preciso que se saiba seu conteúdo, mas que se saiba ou se suspeite que existe algum segredo. O escrito sobre a carta roubada de Edgar Allan Poe ilustra algo sobre o estatuto do segredo. No conto, o segredo existe na forma da existência de uma carta e não de seu conteúdo. Toda a trama gira em torno dele.

Retomando algumas das ideias apresentadas, podemos dizer que o segredo pode ser pensado como aquela parte de sombra oculta que habita toda e qualquer ficção, sempre solidária de um discurso; onde se localiza algo da ordem do gozo fálico e algo que o excede, através de um modo de gozo não todo fálico. Em geral, os segredos se conectam com a culpa, com algo realizado que questionou as leis, algo que não deveria ter acontecido. Essa versão foi uma constante na construção dos casos de neuroses e no caso de psicose discutido, o segredo dos pais ganhou um teor persecutório.

“Todos sabiam menos eu” são as palavras de uma jovem mulher após a revelação de um segredo que mantinha oculta a verdadeira identidade do seu pai e lhe situava no lugar de filha de pai desconhecido. Após a revelação do segredo, surge uma mudança em sua ficção de família: ela se transforma em uma intrusa na família de seu pai, significante que abrirá um enigma a decifrar sobre o lugar do feminino graças à presença da analista.

O tema da adoção em outro caso e o “nada querer saber sobre sua verdadeira mãe” vacila no encontro com a analista, na medida em que emerge um significante que a identifica à sua mãe biológica e que também encontra ressonâncias na história de sua mãe adotiva. “Ela era comilona como eu”.

“Busco meu pai e não o encontro. Me falta a metade de minha história. Segredos, coisas ditas pela metade geraram um mistério em torno da pergunta: quem é meu pai? Dele só se sabe seu um nome e alguns poucos elementos da relação entre ele e sua mãe. *Houve um*

pai – intervenção da analista que equivocou seu discurso, promovendo algo novo. Aí surge a baleia de Jonas na interpretação de Aleijadinho. O escultor nunca viu uma baleia, isso não impediu que ele possa imaginá-la e fazer dela uma estátua.

Finalizamos comentando que os recortes clínicos nos fazem constatar que as identificações familiares articulam um saber que regula o gozo, e, inclusive, o impõe. O trabalho da análise produz uma espécie de des-familiarização – des-identificação do sujeito em relação ao gozo, ao introduzir uma clínica que não se reduz ao Édipo, incluindo o mais opaco da satisfação pulsional, que passa pelo acontecimento de corpo, isto é, o *sinthoma*.

Cada um desses casos, em sua forma singular, dá a pista do caminho que a experiência da análise atravessa, isto é, do Outro como culpável do destino para a possibilidade de se responsabilizar pelo acontecido e pelo que restou dele, retomando-o para fazer, com ele, algo novo, uma invenção.